

Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão

Alexandre Fernandez Vaz*

Resumo: É nos marcos da indústria cultural que se estrutura boa parte das práticas pedagógicas contemporâneas. Não é diferente no que se refere à educação do corpo, seja no esporte, seja em outras formas de cultivar o corpo. No presente trabalho analiso algumas das expressões da presença do corpo nos esquemas da indústria cultural. Apoiando-me nas contribuições originais de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, analiso as contradições e os ardis mistificadores do “tempo livre”, do processo de racionalização do corpo no esporte e no *fitness*, pensando-os nos limites da sociedade administrada, onde se encontram com a deformação da consciência e com a glorificação da experiência da dor. Ao final, reencontro ambigüidades do esporte em uma nova constelação, pensando, nas relações com o corpo, a possibilidade – e a legitimidade – da esperança.

Palavras-chave: Indústria cultural, educação do corpo, teoria crítica e educação, Theodor W. Adorno, culto do corpo.

Abstract: The cultural industry makes up for a great part of the structure of contemporary pedagogy. The same occurs with the education of the body, both in sports and in other forms of cult of the body. This paper aims to present and discuss the relation between body and cultural industry. Based on the original contribution of Max Horkheimer and Theodor W. Adorno, the paper analyzed the contradictions and mythical artifices of “free time” and the rationalization of the body by means of sports and fitness, in terms of the limits imposed by an administrated society, which encounter a distortion of conscience and a glorification of pain. Finally, the ambiguities of sport are reviewed in a new constellation where the possibility and legitimacy of hope where the body is concerned, are analyzed.

Key words: Cultural industry, body education, critical theory and education, Theodor W. Adorno, body cult.

I – Corpo e Indústria Cultural

O corpo e suas expressões – sejam elas relacionadas aos avatares da razão e, portanto, ao domínio e ao poder, sejam ainda vinculadas à arte, aos itinerários do

* Professor dos Cursos de graduação em Pedagogia e Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Corpo, Educação e Sociedade. alexfvaz@uol.com.br

desejo, da potência, das múltiplas contradições e interfaces dessa materialidade espessa – são questões das que mais desafiam o pensamento contemporâneo. Mas cabe, mesmo, perguntar sobre a legitimidade da questão: é o corpo uma categoria, ou um conceito por meio do qual é possível pensar o tempo presente? É possível condensar a aparente infinitude de suas expressões, contrastada com sua própria finitude?

Tratarei de alguns aspectos do tema do corpo em suas relações com a indústria cultural, o fenômeno contemporâneo que é expressão de uma sociedade em transformação¹. Para isso recorro, principalmente, às contribuições de Horkheimer e Adorno, os primeiros a empregarem a expressão e fundadores de uma tradição de crítica cultural que está longe de esgotar-se.

Considero esses autores e sua contribuição muito importantes por vários motivos: não apenas foram grandes pensadores, que nos deixaram muitos conceitos e análises, idéias originais, rigorosas e desafiadoras, como também nos legaram uma abordagem essencial para pensar o corpo e seus destinos. Horkheimer e Adorno, espíritos que pensaram contra o espírito desse nosso tempo sombrio, construíram grande parte de sua arquitetura teórica a partir das contradições e ambigüidades do domínio da natureza na sociedade ocidental. Esse senhorio sobre o que é considerado “natural”, passível de ser transformado, supõe o controle da natureza interna para que a externa possa também ser submetida. É nesse sentido que, na obra monumental desses frankfurtianos, encontra lugar destacado o corpo como dimensão – e como “vítima” – preferencial da formação da subjetividade.

Fazendo uma genial interpretação do clássico *Odisséia*, de Homero, Horkheimer e Adorno descrevem a formação do sujeito iluminista, esclarecido, poderíamos dizer “moderno”, como aquele que aprende, astuciosamente – mas também por ensaio e erro – a dominar o próprio corpo, disciplinando-se e renunciando à gratificação imediata de suas pulsões. Esse controle sobre o corpo não é isento de tributos, que são pagos, em grande parte, com a própria felicidade.² Muitas vezes esse exercício tem como destino uma relação perversa, cruel, patogênica com o corpo – o próprio e o “do outro” – descambando para o masoquismo, para o sadismo, para o preconceito. O “outro” – que pode, paradoxalmente, estar no

1. O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa *Esclarecimento, racionalidade e educação na Teoria Crítica da Sociedade: Bildung e Aufklärung na obra de Theodor W. Adorno*, que tem apoio dos programas Funpesquisa/UFSC/2002 e PIBIC/CNPq-BIP/UFSC. Algumas das idéias aqui presentes foram apresentadas anteriormente no Colóquio Nacional “Tecnologia, Cultura E Formação... Ainda Auschwitz”, na Unimep — Piracicaba, em maio de 2002, e na II Semana Científica da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiás, em novembro do mesmo ano.
2. “A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou, por outra, a história da renúncia. Quem pratica a renúncia, dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 61; 1997, p. 73).

próprio eu que se afasta de si para exercer o autodomínio – e seu corpo são, nesse quadro, o que deve ser objeto do ódio, do qual nos vingamos pelo sofrimento que impusemos a nós mesmos.

Essas questões ganham importância ainda maior se nos lembramos de que, em tempo nenhum, o corpo foi um objeto de interesse tão intenso, tão visível e “infinito”³ quanto hoje, e consideramos, também, que a própria idéia de subjetividade migrou – quando ainda se reconhece sua possível existência, ainda que danificada – da “alma” para o “corpo”.

É por isso que Horkheimer e Adorno falam em um “amor-ódio” pelo corpo, de desejo-repulsão, que impregna toda civilização e que configura uma história clandestina, paralela, marcada pela renúncia, pelo recalque e pelo solapamento do orgânico, do vital (*das Lebendige*) e suas expressões, no processo de introversão do sacrifício. O corpo aparece também, no entanto, como desejado, sobretudo quando límpido e insípido, distante de tudo o que lembra o orgânico, a sujeira, os odores e qualquer tipo de “mistura” (HORKHEIMER; ADORNO, 1997). A essa arquitetura teórico-reflexiva pertencem, como se verá adiante, entre outras expressões corporais contemporâneas, o esporte e seu princípio-mestre, o rendimento.

Minha perspectiva é não tratar o conceito de indústria cultural de forma a reduzi-lo ao processo de mercadorização da cultura – sobretudo sua produção já sob os auspícios da forma mercadoria –, mas compreendê-lo como uma expressão do tempo presente, de suas mudanças e formas mais refinadas de acontecer, de legitimação do simulacro da vida danificada. Isso se relaciona à configuração de subjetividades que se produzem por meio de demandas e desejos, e, nesse contexto, nas relações que se estruturam com o corpo.

II – Um comentário sobre o “tempo livre”

A expressão “indústria cultural” foi empregada por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer nos anos quarenta do século passado, para tentar compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionada à mercadorização da cultura – sua banalização e reificação. O que nossos autores supunham como inteiramente novo – já que parece desde muito ter havido algum tipo de negócio com os artefatos culturais – é que as obras de arte – que deveriam expressar os mais sublimes e tenso sentimentos humanos, registrando, nas suas diversas formas, a dor, o sofrimento, a esperança de felicidade, o medo, o ódio, as paixões de todas as matizes; mostrando, “para além do conceito”, o que haveria de demasiadamente humano – passam a ser produzidas

3. Tomo aqui emprestada a expressão de Denise Sant’Anna (2000).

na esfera da circulação e do consumo, para o entretenimento e ocupação do “tempo livre”. Em seu lugar, a banalidade do já conhecido, a repetição incessante, a “marteladas”, daquilo que é pouco complexo, o “sempre igual” repetido incessantemente como um círculo infernal. Diz Adorno (1997a) que, em tempos de sociedade administrada e indústria cultural, a produção da arte não é “também” mercadoria, mas o é, *antes de tudo*. Universo da troca sacrificial atualizada em moeda e exploração do trabalho, o capitalismo aproxima desiguais, tornando intercambiável aquilo que, em princípio, deveria ser único e definitivo em sua expressão. Aparentada com a ciência moderna, a troca mercantil opera não mais por substitutibilidade específica – como na magia – mas por fungibilidade universal: a “equivalência” forja um universo que tende ao insípido, no qual a “unicidade” e o “distanciamento” da obra, centrais para a aura, segundo ensina Benjamin (1980), são solapados pela intolerância total a qualquer diferença, a menos que seja ela mera aparência.

Horkheimer e Adorno preocuparam-se não apenas com esta nova forma de produção, mas com seus clientes, nos quais há que se desenvolver uma disposição psicofisiológica para o consumo, essencialmente no seu tempo disponível do trabalho – o conhecido “tempo livre” –, para que a lógica da exploração e do esgotamento se solidifique também extramuros do escritório, da fábrica, da sala de aula. Não por acaso Adorno foi um crítico radical da defesa do tempo livre, que faz esquecer que o trabalho em nossa sociedade é sinônimo de esgotamento, de sofrimento, de dilaceração e danificação do humano. Em uma palavra, o “estado falso” de vida – aquele que a indústria cultural pretende tornar justificável – não merece, como já dissera Marx, ser adjetivado como “humano”⁴.

Trato, nas páginas seguintes, de algumas questões que relacionam o corpo e suas expressões com a indústria cultural. Não me referirei aos fenômenos como tendo sido “apropriados” pela indústria cultural, mas como produtos do nosso tempo, erigidos por ela. Nesse sentido, atenho-me à prática esportiva, ao culto do corpo e à fascinação pelo esporte-espetáculo. Ao final, trato de algumas das possíveis conseqüências e ambigüidades desses processos. Espero, com isso, colocar

4. Dizem Horkheimer e Adorno (1985, p. 128; 1997, p. 158-159), na *Dialética do esclarecimento*: “A diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação de mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O pretensão conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a seqüência automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais”.

alguns elementos para a compreensão da sociedade contemporânea, em especial a brasileira, uma vez que vivemos em um país que, como destacou Stéphane Malysse (2002), escolheu o corpo como uma de suas principais expressões auto-referenciais.

III – Esporte e racionalização do corpo

Dentre os marcantes elementos da indústria cultural, figuram o esporte e outras formas de dominar e administrar o corpo, que potencializam e internalizam a crueldade ao glorificarem o sofrimento.

O processo de racionalização do corpo, que encontra no esporte e no treinamento corporal que lhe corresponde uma de suas expressões privilegiadas, tem como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operável, medido, programado, algo que, aliás, qualquer anatomista, preparador físico ou mesmo atleta sabe como funciona.

No aforismo *Interesse pelo corpo*, Horkheimer e Adorno apresentam uma idéia à primeira vista surpreendente, que talvez condense o que seria uma “pedagogia para o corpo” na sociedade contemporânea, fortemente vinculada ao esporte. Ela diz que no contexto do “amor-ódio pelo corpo”, na história subterrânea da desfiguração e do recalque pulsional, o corpo permanece um cadáver, ainda que seja muito exercitado (HORKHEIMER; ADORNO, 1997). O pequeno texto, que remete a várias outras passagens da obra de ambos, principalmente a de Adorno, coloca em questão, decisivamente, o caráter da técnica, sua condição de medida para o progresso e para a felicidade humana. Adorno não compartilha da crença de que o novo ser humano poderia ser forjado no progresso, e as utopias serão, por meio da técnica, alcançadas em sua plenitude, algo que fascinou vários de seus contemporâneos, de Heidegger a Jünger, de Brecht a Gramsci. Para ele, ao contrário, a realização tecnológica de antigos desejos humanos, se tomada “ontologicamente”, esvazia o conteúdo interno das utopias (BLOCH; ADORNO; KRÜGER, 1975, p. 58 e ss).

Para Adorno não há dúvidas quanto ao potencial destrutivo, de produção da crueldade, internalizado nas tendências sociais contemporâneas, cuja imagem aparece, também, nas relações patogênicas com o próprio corpo. Nesse contexto, dirá que “[...] seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica.” (ADORNO, 1995, p. 127; 1971, p. 95). Logo adiante, no mesmo quadro reflexivo – que é o da defesa de uma educação que possa, contra todas as evidências, ser resistente à barbárie – Adorno destaca a afinidade do esporte com a técnica e as decorrências de uma absorção não refletida da última:

[...] na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula ao ‘véu tecnológico’. Os seres humanos inclinam-se a considerar a

técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens (ADORNO, 1995; p. 132, 197, p. 100).

Essa equação entre esporte e técnica já havia sido feita por Adorno, de diferentes formas, em outros momentos. O esporte seria uma adaptação clandestina ao maquinário e à lógica do trabalho, de tal forma que o ser humano os incorporaria, desaparecendo a diferença entre si e a máquina. Isso levaria a um momento ostentador da violência, ao culto à obediência, ao autoritarismo, ao sofrimento e ao masoquismo. Diz Adorno (1997b, p. 79-80) que “Ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também a suportá-la e tolerá-la.” Em outras palavras, a técnica seria, nesse registro, uma forma de organização do sofrimento, que concorreria com seus propósitos primeiros de potencialização da liberdade.

No esporte o corpo é o instrumento técnico por excelência – como para as crianças ele é o brinquedo original, o primeiro *Spielzeug* (literalmente, instrumento para brincar). Assim como os instrumentos técnicos devem dominar a natureza, da mesma forma o corpo, em si mesmo, deve ser expressão da natureza dominada, o que pode ser facilmente identificado nas estruturas do treinamento corporal, seja o esporte de alto rendimento, seja qualquer academia de ginástica e musculação.⁵

IV – Templos contemporâneos

As grandes galerias parisienses inauguraram, no século XIX, os espaços públicos que reuniam mercadorias e passantes, sintetizadas na fascinação pelas cores e formas que enfeitiçavam – o “fetiche da mercadoria”. As *Arcadas de Paris* são as antecessoras dos modernos *shoppings centers*. Os grandes ginásios do Coronel Amoros⁶ antecedem as academias de ginástica, certamente porque Paris, que Walter Benjamin chamou de a capital do século XIX, era pura exposição.⁷

Assim como os *shoppings centers* são os templos do consumo, as academias de ginástica e musculação são, por excelência, os templos contemporâneos de celebração do domínio e do sacrifício do corpo. Não por acaso muitas academias

5. Trato desse tema com mais vagar em Vaz (1999, 2003).

6. Sobre o tema, inclusive nas ambigüidades do corpo-espetáculo, consulte-se o importante trabalho de Soares (1998).

7. Vários dos trabalhos de Walter Benjamin sobre Baudelaire estão publicados em língua portuguesa. A maior parte do material referente ao projeto da *arqueologia da modernidade* de Walter Benjamin pode ser encontrada em Benjamin (1982). Fiz um comentário, a partir da leitura de Benjamin, a respeito do caráter das *Exposés* parisienses, em comparação com os Jogos Olímpicos – como espetáculo dos corpos maquinais (VAZ, 2000). O extenso e detalhado trabalho de Susan Buck-Morss (1989), recentemente traduzido para o português (BUCK-MORSS, 2002), oferece o panorama geral dessa questão.

instalâm-se justamente nos *shoppings centers*. Como nos templos religiosos de outros tipos, elas exigem vocabulário, hierarquia, roupa, gestos, sons, gostos, olhares e odores muito próprios, assim como as orações sempre repetidas e as penitências peculiares. Possuem também os seus confessionários e lugares de contrição, de onde nada pode escapar desconhecido: as balanças e os espelhos, fundamentais numa sociedade na qual a imagem atingiu insuspeitada importância.⁸ O sofrimento do corpo não se exige mais para purificar a alma, mas o próprio corpo tornado alma deve purificar-se de seus piores males: a gordura, a flacidez e a feiúra. Não é à-toa que o quesito boa aparência se torna um distintivo importante no mercado, que começa a excluir os obesos, vítimas preferenciais da fúria persecutória dos modelos idealizados ou aceitáveis de corpo. Na sociedade brasileira, na qual a visibilidade do corpo é a própria presença da alma, essas questões atingem proporções dramáticas.

Tomemos ainda, como exemplo, as cartilhas evangelizadoras do *fitness*, verdadeiros manuais iniciáticos e prescritivos dessa religiosidade oscilante, que a cada dia erige novos pastores, rituais e liturgias – as revistas ilustradas para o corpo. Elas repetem, até a exaustão, a mesma fórmula, o “sempre igual” com rosto de novidade, premissa fundamental da indústria cultural, na forma de promessas que nunca podem ser cumpridas, configurando o que Adorno chamou “pseudoprazer”. Fotos de mulheres destinadas a outras mulheres, sem tanto interesse sensual, mas corpos à mostra o suficiente para serem admirados, invejados, copiados; uma receita de dieta; outra de exercícios; fármacos para o cabelo e a pele; alguma recomendação “para o espírito” – geralmente trazendo junto a imagem de alguém com o corpo muito esculpido, num claro exemplo de falsa reconciliação entre natureza e cultura, entre corpo e uma dimensão não corporal –; e cada vez mais cirurgias “reparadoras”, que prometem fazer do envelhecimento e daquilo que o *establishment* não considera belo, paradoxalmente, “coisa do passado”. Essencial nessa lógica é a promessa do curto prazo e dos resultados certos, seguros, claros: duas semanas para perder celulite, oito semanas para doze quilos a menos, menos de um mês para dois centímetros de barriga ou de culote, e assim por diante. Tudo matematizado, racionalizado, em “calorias que valem pontos”, como, há trinta ou quarenta anos, avaliavam os receituários de K. Cooper. É interessante perceber que o *fitness*, ao mesmo tempo em que se estrutura pela credence na ciência – sempre há um especialista dizendo que cada uma das fórmulas é “cientificamente” comprovada – baseia-se nas mais íntimas estruturas mitológicas, sobretudo no que se refere à idéia de destino manifesto.

Uma das revistas ilustradas mais vendidas, consumida com voracidade nas academias de ginástica e musculação, mas também nas faculdades de Educação Física

8. César Sabino tem escrito interessantes trabalhos sobre a dinâmica das academias de ginástica e musculação. Nos interesses do presente trabalho, consulte-se Sabino (1998).

ca,⁹ apresentava, há alguns meses, uma sugestiva seção chamada “Diário de uma gordinha”. Em uma de suas edições a “gordinha” pedia desculpas às leitoras por que de um mês para outro se desviara da dieta, somando quilos outrora perdidos. O diário ganha ares de confissão e de penitência, uma vez reconhecidos os deslizos disciplinares da saída da dieta e do engano das leitoras, que haviam supostamente acreditado na diarista, culminando então com a promessa do sacrifício e da volta à dieta.

Como modelos contemporâneos cada vez mais presentes e inquestionáveis das práticas corporais, os processos de “esportivização” devem ser observados com cuidado. O esporte como modelo de socialização não pode ser observado, como destacado acima, sem que se considere a fascinação contemporânea pela máquina e pelo rendimento, algo que, da esquerda à direita, alcançou um ponto culminante nos Jogos Olímpicos modernos. Talvez ambos, academias e a instituição esportiva, sejam a realização mais radical da conjugação de crenças na ciência e na revelação, na evidência racional e na religiosidade. Destaque-se que, cada vez mais, o vocabulário das academias de ginástica e musculação se assemelha ou se subordina ao do treinamento esportivo. Mesmo os praticantes não-atletas falam sobre “a programação de treinamento a ser cumprida”. De alguma forma a compulsão da disputa, do desempenho e da *performance*, oriundos do esporte e sobremaneira nele reforçados, se materializa na consecução de um corpo modelado, seja para ser desejado, comparado e invejado, seja para que se estruture como resultante do prazer masoquista da dor auto-infligida.

O esporte, por meio da aceleração tecnológica que propicia e que lhe dá sustentação, procura ser uma superação, ao menos simbólica, de uma das utopias humanas mais ancestrais, traduzida na crença da potência infinita, capaz de prolongar a vida e vencer a finitude. Seu aporte tecnológico, no entanto, na medida em que é não apenas disciplinador da dor e da capacidade de suportá-la, mas também de sentir prazer com ela, acaba por ser uma celebração da morte.¹⁰

V – Indústria cultural, deformação da consciência, glorificação da dor

Volto ao tema da presença do esporte, desta vez nas análises de Adorno sobre a indústria cultural. Nelas o esporte aparece, de forma mais freqüente, como estru-

9. Tomo aqui como exemplo um número da *Revista Boa Forma*, n. 8, ed. 182, agosto/2002.

10. Essa questão é mais detalhadamente desenvolvida por mim em outros textos (VAZ, 1999; 2003). Ao mesmo tempo, se, como se lê na *Dialética Negativa* (ADORNO, 1997, p. 203-204), o sofrimento, *sempre corporal*, é um impulso ao conhecimento, a Filosofia de Adorno, mesmo quando apresenta seus rasgos metafísicos, coloca-se em direção contrária a qualquer bálsamo que faça esquecer a materialidade, e, portanto, as fronteiras do corpo. Que se lembre, no entanto, que, se a dor leva ao impulso de conhecer, então o conhecimento que nos leva a saber porque a dor nos impulsiona é muito importante.

tura modelar, uma forma de “dever ser”, uma vez que várias dimensões da vida social teriam se “esportivizado”. Com a expressão “esportivização”, Adorno indica um tipo de socialização que tem origem no esporte-espetáculo e na relação do público com ele. Esse modelo determina, em grande medida, as formas de ser na política, na sexualidade e na arte, além de, em especial, no jazz e seu público (ADORNO, 1997c; 1997d; 1997e).

Analisando a fetichização da música de massas, Adorno observa seu caráter de repetição de modelos previamente dados, programados pelos interesses da banalização mercadológica, nada tendo mais a ver com o conceito clássico de música e sua relação com os deformados sentidos do ouvinte, cujas disposições psicofisiológicas se estruturam apenas no tédio da repetição e no sentido do consumo. Curioso, mas absolutamente não sem sentido, é que Adorno exponha esse processo retomando uma distinção bastante conhecida, entre jogo e esporte, referindo-se à transformação do primeiro no segundo (ADORNO, 1997d; 1997f)¹¹.

Nada sobrevive nela [na música de massas] com mais força do que a aparência; nada é mais aparente do que seu teor de verdade [*Sachlichkeit*]. O jogo interpretativo infantilizante [*infantile Spiel*] tem pouco a ver mais do que o nome com as atividades produtivas das crianças. Não por acaso, o esporte burguês quer estar tão marcadamente separado do jogo. Seu rigor brutal significa que, em lugar de manter a confiança no sonho da liberdade por meio do distanciamento quanto aos fins, acaba-se por colocar o jogo, como obrigação, sob o jugo das finalidades úteis, por meio do qual extingue-se qualquer vestígio de liberdade. Esse processo se fortalece com a música de massas atual. [...] Tal jogo interpretativo é apenas uma aparência de jogo; por isso a aparência torna-se, de forma importante, inerente à música esportiva [*Musiksport*] dominante. (1997f, p. 47).

Tomando as considerações de Adorno por outra de suas faces, podemos observar, em uma das atividades “de lazer” mais importantes relacionadas ao esporte e que tem gerado um número razoável de trabalhos acadêmicos,¹² um fenômeno do

11. É muito provável que Adorno se refira, ao fazer a distinção entre jogo e esporte, ao clássico estudo de Huizinga (1956, especialmente p. 186-8), *Homo Ludens. Vom Ursprung der Kultur im Spiel*, publicado em língua alemã, pela primeira vez, em 1938, mesmo ano do aparecimento do ensaio sobre o fetichismo da música e a regressão da potência e do refinamento auditivos. Essa hipótese ganha força ao encontrarmos na *Ästhetische Theorie* – trabalho inacabado cuja publicação ocorre em 1970, ano seguinte ao falecimento de Adorno – uma importante referência crítica a Huizinga e sua tese de que a cultura teria origem no jogo (ADORNO, 1997f, p. 170-2).

12. Certamente encontra-se aqui uma das distinções mais importantes a serem feitas entre os comentários de Adorno a respeito do esporte e as observações de Norbert Elias sobre o mesmo tema. Ou ainda, para além dos escritos de ambos, entre as tradições que lhes sucederam no estudo do esporte contemporâneo. Na impossibilidade de aprofundar devidamente esta questão, remeto a meu livro *Sport und Sportkritik im Zivilisations- und Kulturprozess. Analysen nach Adorno & Horkheimer, Elias und DaMatta*, a ser brevemente publicado pela Editora Afra, de Frankfurt (VAZ, 2003).

maior interesse para se entender a relação entre as práticas corporais e a indústria cultural. Trata-se das torcidas esportivas, notadamente as do futebol, “organizadas” ou não. No estádio comportam-se como em um ritual primitivo, com danças, cantos, uniformes, pinturas nos rostos, imprecações e agressões corporais dirigidas aos adversários – vistos muitas vezes como inimigos –, vocabulário sexualizado, buscando e encontrando formas de identificação imediata, regressiva e infantilizante com o espetáculo esportivo, tanto com os times que apóiam ou insultam, quanto entre si nas tribunas.

O contexto das críticas de Adorno ao público esportivo remete, como a temática dos processos de coletivismo como um todo, ao capítulo sobre o anti-semitismo da *Dialética do esclarecimento*. Horkheimer e Adorno mostram, lá, como associação perversa entre mimetismo e falsa projeção leva a comportamentos regressivos, sobretudo em situações limítrofes, ritualizadas ou não. Importante é dizer, no entanto, que essa ordenação coletivista, que faz desaparecer a subjetividade autônoma (ADORNO, 1971), não é menos que uma resposta “coisificada”, segundo Adorno, à reificação social como um todo, uma vez que não há chance de sobrevivência, na sociedade administrada, para aquele que não se enrijece a ponto de igualar-se à coisa (ADORNO, 1997g). Dessa dura constatação, diz Adorno (1971, p. 97) que “Homens que se adequam cegamente nos coletivos, fazem de si mesmos algo como um material, perdendo sua autodeterminação. A isso se coaduna a disposição para tratar os outros como massa amorfa.”

O fascínio do público pelo esporte, que muitas vezes se manifesta pela excitação com os acidentes, com as jogadas violentas, com a glorificação do sofrimento dos atletas e seu extremado sacrifício, é uma expressão da consciência reificada, parecendo ser uma mobilização de energias pulsionais adaptadas aos esquemas da indústria cultural. Não se trata apenas de esquecer o sofrimento, mas, como indicam Horkheimer e Adorno (1997, p. 167), de celebrá-lo para a ele estar adaptado nas engrenagens da sociedade administrada. O processo parece ser muito semelhante àquele que acontece nos quadrinhos, quando o Pato Donald apanha em nosso lugar (HORKHEIMER; ADORNO, 1997), ou ainda quando assistimos, misto de êxtase e repulsa, a programas de televisão que promovem a plena humilhação daqueles que, “voluntariamente”, ou a baixo soldo, “dispõem-se” a comparecer a programas de auditório para vivenciar a inverdade de suas próprias vidas.¹³

Nesse mesmo processo de identificação primária, não mediatizada, encontra-se a produção dos ídolos esportivos, fortemente sexualizada nas imagens do “dever ser homem” e “dever ser mulher”, ou ainda do “dever ser para além de homem ou

13. Vale para esta circunstância o que Horkheimer e Adorno (1985, p. 129; 1997, p. 160) escreveram sobre o filme de animação: “sob a gritaria do público o protagonista é jogado para cá e para lá como um farrapo. Assim a quantidade da diversão organizada converte-se em qualidade da crueldade organizada.”

mulher”, como mostram os filmes esportivos dos muitos fascismos, em especial o projeto *Olympia*, de Leni Riefensthal, paradigma estético das transmissões esportivas contemporâneas¹⁴. Isso também se espelha nos ambientes simultaneamente ascéticos e ritualísticos das academias de ginástica. Horkheimer e Adorno anteciparam esse movimento na *Dialética do Esclarecimento*:

Eis o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, o busto do suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há qualquer situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 131; 1997, p. 162).

Essas imagens têm grande proximidade com a pornografia, que promete a satisfação pulsional que sabe não poder cumprir. Com a pornografia, o esporte e o embelezamento performático que se exige em cada banca de revista ou à beira-mar guardam grande afinidade técnica. Baseiam-se, todos, frequentemente, no excesso, no desempenho, na redundância, na representação, na mutilação e na dor.

Por todas essas razões, não faria sentido, segundo Adorno, falar-se em “tempo livre” na prática esportiva, que funciona, na verdade, como aparato tecnológico, compensatório e adestrante para o trabalho (ADORNO, 1997h), transformando o desprazer corporal em prazer secundário (ADORNO, 1997f) em “pseudo-atividade”.

É a partir desse quadro que gostaria de citar ainda, para então passar às considerações finais, duas passagens de *O esquema da Cultura de Massas* (ADORNO, 1997i)¹⁵, nas quais Adorno nos dá precisas indicações para a compreensão da indústria cultural, na forma como se estrutura por meio do esporte, da racionalidade instrumental, da “tecnologização” do corpo e da produção da crueldade.

Os dominados celebram a própria dominação. Eles fazem da liberdade uma paródia, na medida em que livremente se colocam a serviço da cisão, mais uma vez, do indivíduo com seu próprio corpo. Por meio dessa liberdade confirma-se a injustiça – fundada na violência social – que mais uma vez se destina aos corpos escravizados. Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores da cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada em si mesmo e nos outros (ADORNO, 1997i, p. 328).

Os recordes, nos quais os esportes encontram sua realização, proclamam o evidente direito dos mais fortes, que emerge tão obviamente da concorrência, porque ela

14. Sobre o tema, vale a pena conferir os trabalhos de Wildmann (1998) e Almeida (2001).

15. Trata-se de um *Anhang*, um anexo ao projeto da *Dialética do esclarecimento*, que não prevaleceu na versão final do trabalho.

cada vez mais os domina. No triunfo de tal espírito prático, tão longe das necessidades de manutenção da vida, o esporte se torna uma pseudopraxis, na qual os praticantes não mais podem agir por si mesmos, mas mais uma vez se transformam em objetos, o que, na verdade, já são. Em sua literalidade sem brilho, destinada a uma gravidade [seriedade] brutal, que entorpece cada gesto do jogo, torna-se o esporte o reflexo sem cor da vida endurecida e indiferente. Só em casos extremos, que deformam a si mesmos, o esporte mantém o prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades (ADORNO, 1997i, p. 329).

VI – Epílogo

Apesar das duras críticas ao esporte, Adorno distingue-o em duas de suas expressões: o esporte competitivo, espetáculo, e um outro, praticado sob diferente orientação – na forma de “jogo” – que se refere também ao reconhecimento dos limites, das fraquezas do “corpo do outro” e, quem sabe, do próprio. Uma passagem da conferência *Educação após Auschwitz* é lapidar:

O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso dos espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (ADORNO, 1995, p.127; 1971, p. 95).

Não deixa de ser curiosa essa consideração de Adorno, tanto no que se refere ao caráter ambíguo do esporte, quanto à possível distinção que faz entre praticantes e público esportivo. Adorno destaca que a brutalidade estaria vinculada sobretudo àqueles que não estão “submetidos à disciplina do esporte”, tomada então, esta última, como civilizadora e positiva.

Esse movimento nas assertivas de Adorno a respeito do esporte, da técnica e, segundo penso, de uma “pedagogia do corpo”, nos coloca uma série de desafios muito importantes para pensar o corpo e suas expressões contemporâneas, e as condutas éticas pelas quais podemos optar. Desafios que ainda não podemos responder e que são ainda mais complicados se pensarmos no “arcaísmo do corpo”, e nas contradições que lhe são inerentes.

Cito um pequeno exemplo para ilustrar essas dificuldades, extraído da biografia do próprio Adorno. Em 1967 foi-lhe perguntado o que pensava a respeito do aperto de mão: se seria, ou não, um sinal de boa vontade. A essa pergunta, um tanto engraçada, respondeu:

Vivenciei com frequência em países anglo-saxões, que a nós alemães nos apertassem a mão. Há mesmo algo de arcaico nisso, que não combina com a racional

civilização ocidental. Por outro lado, não me são simpáticos aqueles que não me dão a mão para um cumprimento, ou o fazem estendendo-me apenas o dedo mínimo (ADORNO, 1997j, p. 738).

Essa curiosa opinião de Adorno, que deve ser lida numa constelação comum a outras experiências que lhe foram marcantes, todas relacionadas ao contato corporal (ADORNO, 1997k; HABERMAS, 1981), pode ser entendida como um paradigma de sua posição em relação ao tema do corpo e talvez do esporte: por um lado, um momento arcaico, instância da violência, que deve ser apaziguada. O corpo é expressão da natureza primeva, sem controle, insatisfeita, imemorial, da qual o ser humano também faz parte, da qual nos lembram o suor, o riso, as alergias e comichões.

Por outro lado, uma esfera de possível reconciliação, com a própria Natureza e também com aquela que nos circunda, que se nos materializa nas múltiplas relações sociais que temos com ela: o ambiente, os corpos dos animais, os outros corpos humanos.¹⁶ Toda essa natureza socialmente estruturada nos é, em princípio, estranha, distante – como a mão do estranho que se aproxima. Com ela podemos ter uma relação técnica, mas também uma aproximação mimética, de aconchego, talvez mediada pelas práticas corporais organizadas, dentre elas o esporte.

Parecem ser muito convincentes os comentários de Adorno sobre a dimensão infantilizante do esporte, em sua forma de espetáculo, como expressão da indústria cultural. Há, no entanto, em Adorno, essa dimensão vinda da tradição romântica, que vê nas características mais aristocráticas do esporte – o caráter desinteressado, o *fairplay* –, um traço que pode possibilitar uma educação para a autonomia, que possa resistir à barbárie. Vários exemplos semelhantes se encontram nos aforismos das *Minima Moralia* (ADORNO, 1997c), onde se lêem seguidos lamentos pela perda de uma delicadeza do “particular” – o fechar de portas com violência, o deslocamento com pressa pela cidade, um trem em cuja viagem não há mais qualquer beleza –, já ausente nos sombrios anos quarenta do século passado, suprimida, quase que por completo, nos tempos em que vivemos. Nesse sentido, talvez esse grande dialético tenha razão, e seja mesmo o esporte aristocrático, paradoxalmente, uma situação exemplar que nos lembre um sujeito que ainda sobrevivia, oferecendo-nos a possibilidade de termos a discreta esperança de chegarmos a uma humanidade que possa prescindir de adjetivos.

16. Adorno faz lembrar a nota 18 do primeiro volume de *O Capital*, na qual Marx faz referência à materialidade do corpo/corporalidade (*Leiblichkeit*) como condição fundamental para o mútuo reconhecimento entre os seres humanos: “É por meio da relação com o Homem Paulo, como seu semelhante, que se reconhece o Homem Pedro como Humano. Mas se lhe coloca Paulo com pele e cabelos, em sua coporalidade/materialidade corporal paulínea, como expressão de gênero humano” (MARX, 1982, p. 67).

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. Erziehung nach Auschwitz. In: ADORNO, T. W. *Erziehung zur Mündigkeit*. Vorträge und Gespräche mit Hellmut Becker. (Org. KADELBACH, G.) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.
- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação* (Org. MAAR, W.L.). Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. Veblens Angriff auf die Kultur. *Gesammelte Schriften 10-1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b.
- ADORNO, T. W. Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. *Gesammelte Schriften 4*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c.
- ADORNO, T. W. Über Fetischcharakter in der Musik und die Regression des Hörens. *Gesammelte Schriften 14*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997d.
- ADORNO, T. W. Sexualtabus und Recht heute. *Gesammelte Schriften 10-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997e.
- ADORNO, T. W. Ästhetische Theorie. *Gesammelte Schriften 7*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997f.
- ADORNO, T. W. Einleitung zum "Positivismusstreit in der deutschen Soziologie". *Gesammelte Schriften 8*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997g.
- ADORNO, T. W. Freizeit. *Gesammelte Schriften 10-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997h.
- ADORNO, T. W. Das Schema der Massenkultur. *Gesammelte Schriften 4*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997i.
- ADORNO, T. W. "Händedruck – Symbol des guten Willens. Soll man oder soll man nicht?". *Gesammelte Schriften 20-2*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997j.
- ADORNO, T. W. Zweimal Chaplin. *Gesammelte Schriften 10-1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997k.
- ADORNO, T. W. Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften 6*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997l.
- ALMEIDA, M. J. de. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENJAMIN, W. Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit (Erste Fassung). In: *Gesammelte Schriften (I-2)*, Org. por Tiedemann, R. e Schweppenhäuser, H.) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
- BENJAMIN, W. *Das Passagen-Werk*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982 (2 vol.).
- BLOCH, E.; ADORNO, T.W.; KRÜGER, H. Etwas fehlt. Über die Widersprüche der utopischen Sehnsucht. Ein Gespräch mit Theodor W. Adorno. In: Traub, R. & Wieser, H. (Org.). *Gespräche mit Ernst Bloch*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

BUCK-MORSS, S. *The Dialectics of Seeing*. Walter Benjamin and the Arcane Project. Cambridge: MIT, 1989.

HABERMAS, J. Urgeschichte der Subjektivität und verwilderte Selbstbehauptung. In: HABERMAS, J. *Philosophisch-politische Profile*. Frankfurt am Main: Suhrkamp 1981.

HORKHEIMER, M. Neue soziale Verhaltensmuster [Zur Soziologie des Sports] *Gesammelte Schriften* 8. Frankfurt am Main: Fischer, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos* Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente. *Gesammelte Schriften* 3 (Adorno). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Vom Ursprung der Kultur im Spiel. Hamburg, Rowohlt, 1956.

MALISSE, S. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

MARX, K. *Das Kapital*. Zur Kritik der politischen Ökonomie. Vol. 1. Berlin: Dietz, 1982.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: Goldenberg, M. (Org.): *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000. p. 61-103.

SANT'ANNA, D. B. de. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*. N. 14, p. 235-249, 2000.

SOARES, C. L. *Imagens da educação do corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

TIEDEMANN, R. Editorische Nachbemerung. In: ADORNO, T.W. *Gesammelte Schriften* 9-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

WILDMANN, D. *Begehrte Körper: Konstruktion und Inszenierung des "arischen" Männerkörpers im "Drittenreich"*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1998.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes* (Org. de SOARES, C.L.), Campinas, ano XIX, n. 48, p.89-108, agosto 1999.

VAZ, A. F. Memória e Progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

VAZ, A. F. *Sport und Sportkritik im Zivilisations- und Kulturprozess*. Analysen nach Adorno & Horkheimer, Elias und DaMatta. Afra: Frankfurt am Main, 2003. (prelo)